

# **METRÓPOLE**

**Mário A.F. Barreiros**

Arquiteto, Mestre em Engenharia Civil e Urbana, Coordenador de Projetos da  
Emplasa

**São Paulo, 2001**

## INTRODUÇÃO

Ao ingressarmos no século XXI, estaremos vivenciando um dos momentos mais interessantes da história da espécie humana no que tange à construção do ambiente antrópico. Estamos presenciando uma situação bastante singular e jamais experimentada.

A humanidade chega aos 6,06 bilhões de pessoas em um momento em que a maioria dessa população tem como habitat o meio urbano. Além disso, o presente momento é único em outros aspectos igualmente importantes, como o grau de desenvolvimento tecnológico, a globalização da economia, a hegemonia econômica da América do Norte, a degradação ambiental do planeta, a diminuição do poder do Estado, a criação de poderosíssimos conglomerados econômicos através da fusão de grandes multinacionais, a mudança da base econômica das populações urbanas sendo transferida do setor secundário para o terciário, além de muitas outras considerações que poderíamos aqui estar enumerando. Todas essas complexas relações econômicas, políticas, tecnológicas, demográficas, ambientais que vivenciamos hoje tem como principal cenário o ambiente urbano, mais especificamente as grandes metrópoles, sedes do poder.

O ambiente urbano, suas relações, inter-relações, singularidades e importância na história do Homem, é tema por demais fascinante e já exaustivamente estudado por iluminadas inteligências. O que temos verificado, cada vez mais com maior clareza, é a mudança do padrão de organização urbana das cidades enquanto individualidades, para um padrão metropolitano, onde a cidade individualizada, ao se integrar espacialmente e funcionalmente a um sistema metropolitano, passa a assumir um novo papel funcional. Esse complexo espaço metropolitano passa a se constituir na unidade urbana, modificando a organização espacial da cidade industrial da mesma forma que a organização da cidade industrial modificou a estrutura da cidade mercantilista. O núcleo espacial dessa organização urbana é a metrópole. Blumenfeld (1972, p. 52) em seu trabalho *A Metrópole Moderna*, com muita propriedade afirma que “*A cidade sofreu uma transformação qualitativa de modo que, hoje, ela não é meramente uma versão maior da cidade tradicional, mas uma nova e diferente forma de agrupamento humano*”, esclarece ainda que “*o resultado dessa evolução, não como “a cidade moderna”, (aspas do autor) mas como a “metrópole moderna”.*”(p. 52)

## SÍNTESE HISTÓRICA

Mas, o que é metrópole? Sem dúvida é algo que acompanha a história do desenvolvimento do homem desde a antiguidade. O termo deriva do grego, significando cidade-mãe. O fenômeno da urbanização em escala de metrópole não é privilégio da atualidade, na verdade a história têm nos mostrado diversos exemplos de grandes cidades-mãe. O próprio início da civilização helênica com suas Pólis, baseiam seus processos de expansão territorial em um sistema de cidades mãe com relações com suas colônias. Desse fato deriva a expressão de cidade-mãe, que expressava a Pólis original, a célula mater de onde provinha a população colonizadora e de onde provinha a cultura e os bens mais sofisticados.

As metrópoles da antiguidade atingiram proporções comparáveis às atuais, basta ver que no fim da época clássica, cidades como Alexandria chegam a ter entre 500.000 a 1.000.000 de habitantes (BENEVOLO p. 198). A metrópole da antiguidade atinge seu ponto culminante e extrapola a escala humana mantida na Grécia, em Roma, sede do Império. Roma na época de seu desenvolvimento máximo, nos séculos II e III d. C. chega a ter entre 700 a 1.000.000 de habitantes (BENEVOLO, p. 163) e domina econômica e militarmente o mundo ocidental. A urbe corresponde ao orbe.

Com a queda de Roma o mundo ocidental entra na idade média, onde as cidades perdem sua importância enquanto sedes do poder. Mantém-se, no entanto Bizâncio, depois denominada Constantinopla, atual Istambul, que permanece como capital do Império do Oriente até o séc. XV.

No séc. X começa o renascimento econômico da Europa, impulsionado pelas cidades Italianas, principalmente Gênova e Veneza que sempre mantiveram relações comerciais com o mundo não europeu. A crescente centralização do poder, culminada com o desenvolvimento das monarquias européias, reflete-se especialmente na centralização do poder político e militar em áreas muito bem delimitadas espacialmente e que, via de regra, se tornam centros de atividades burguesas. Com o desenvolvimento do mercantilismo como sistema econômico, cidades portuárias ou estrategicamente inseridas em rotas comerciais, tornam-se sedes do poder econômico, muitas vezes se contrapondo às sedes políticas. O incremento do comércio, nesta altura, atingindo proporções globais, implica no desenvolvimento das cidades metrópoles modernas. O sistema econômico baseava-se numa relação metrópole – colônia que persistiu até o século XX.

A relação metrópole – colônia se intensifica com a Revolução Industrial. Com o desenvolvimento de novas tecnologias de produção em larga escala fazia-se necessário a conquista de novos mercados consumidores para dar sustentabilidade ao novo sistema que surgia. A revolução industrial transforma algumas cidades em polos de grande atração para as populações rurais e fazendo com que essas cidades industriais aumentem muito rapidamente de tamanho, de uma forma nunca antes verificada. No final do séc. XIX e início do séc. XX a

metrópole industrial européia exerce seu poder de cidade-mãe exportando padrões culturais, produtos industrializados e populações excedentes. As novas metrópoles emergentes da América do Norte e América do Sul, que abrigam as ondas migratórias européias dos séculos XIX e XX, reforçam o papel do ambiente urbano enquanto local de transformações sociais e de formador de novas estruturas de formação e acumulação de capital e poder político.

O fortalecimento do capitalismo incrementa a tendência centralizadora das modernas metrópoles, que passam a ser o centro do poder político e econômico, representado pela indústria, o comércio e o capital. Além disso, as metrópoles passam a ser o local de afluxo das populações proletárias das áreas rurais, que servem como mão de obra barata para as indústrias. Esse novo contingente populacional é, em sua imensa maioria, desprovido de meios adequados para sua manutenção no meio urbano. As metrópoles industriais são opressoras e impiedosas para com o proletariado e o meio ambiente.

A par disso, disputa feroz por novos mercados exigida pelo sistema industrial para sua sustentabilidade acaba por gerar conflitos de interesses que se tornam intransponíveis, gerando inúmeras guerras, duas mundiais.

A posterior divisão dos mercados das grandes potências estabelece zonas geoeconômicas de comércio com influência hegemônica das “metrópoles sede”, . assim vemos a divisão da zona de influência dos Estados Unidos, dos países europeus, especialmente a Inglaterra, do Japão e da ex-URSS. O poder tem sede em Nova Iorque, Londres, Tóquio e Moscou, que se afirmam como metrópoles mundiais

As relações das metrópoles centros do poder com seus mercados mundiais, cria nas zonas periféricas sob suas influências, a reprodução de suas estruturas de produção econômica e de organização espacial. Assim nos países chamados periféricos, especialmente nos grandes mercados consumidores da América Latina e Ásia, verificou-se o crescimento de um capitalismo periférico com fortes relações com as metrópoles mundiais e o desenvolvimento de metrópoles do capitalismo periférico.

A nova relação de forças advinda da queda do regime comunista nos países soviéticos, a evolução da tecnologia e das formas de produção capitalista, as fusões de empresas multinacionais em poderosíssimos conglomerados transnacionais modifica as estruturas de produção industrial globalizando a economia.

Nesse novo formato da estruturação da produção econômica o setor terciário passa a desempenhar um papel de preponderância sobre o setor secundário, reforçando a importância das metrópoles enquanto grandes centros consumidores de serviços e sedes dos conglomerados transnacionais. As metrópoles nacionais e continentais passam a integrar uma rede mundial de estruturação da economia

globalizada, passando a ser as cidades-mãe no âmbito de suas influências espaciais, que passam a ultrapassar os limites continentais.

## CARACTERÍSTICAS

Encontrar as características e limites que definam a metrópole moderna não é uma tarefa das mais fáceis. O conceito primordial de cidade-mãe é bem aceito e sedimentado, embora autores destacados como Mumford tenham opinião diversa e prefiram o termo conurbação, termo contestado por outros, como Blumenfeld (1972, p. 52) que argumenta que *“conurbação implica junção de cidades em expansão; a maioria das metrópoles não se originou dessa maneira”*. Porém, quais seriam os outros elementos ou características de um espaço urbano que poderiam classifica-lo como metrópole?

Blumenfeld e Isenberg definiram metrópole como *“uma concentração de pelo menos 500.000 pessoas vivendo em uma área na qual o tempo de viagem dos subúrbios mais afastados até o centro não é maior do que 40 minutos.”* Esse argumento entretanto carece de fundamentação e mesmo seus autores se convencem de que *“atualmente, pelo menos na América do Norte, o conglomerado crítico que distingue uma metrópole de uma cidade tradicional pode ser considerado maior – aproxima-se, talvez, de um milhão de habitantes”*, Blumenfeld (1972, p. 52). Pensamos que esses limites tenham que sofrer nova revisão uma vez que, atualmente, existem 326 cidades no mundo com mais de um milhão de habitantes. Ademais, estudos das Nações Unidas prevêem que em 2015 três cidades atingirão ou ultrapassarão a marca de 25 milhões de habitantes: Tóquio, Bombay e Lagos. Excetuando-se Tóquio, que é uma metrópole mundial, as outras duas cidades, principalmente Lagos na Nigéria, se configurariam mais como enormes aglomerações urbanas, desguarnecidas de características socioculturais descritas na seqüência deste trabalho.

Na verdade o conjunto de características que possam permitir distinguir o seja uma metrópole de outras identidades urbanas deve, necessariamente, avaliar outras variáveis além do número de habitantes e o tempo de deslocamento entre sua periferia e o centro. Essas variáveis devem levar em conta as funções, os sistemas e complexidades que se desenvolvem no espaço físico e social. Evidentemente que o tamanho, e o número de habitantes, devem ser incorporados na caracterização. Mumford (1965, p. 713) nos alerta que *“a abrangência e o número elevado de habitantes muitas vezes são necessários; mas o número elevado não basta. Florença, com cerca de quatrocentos mil habitantes, desempenha mais funções de metrópole do que muitas outras cidades com dez vezes aquela população.”* Outra questão que se apresenta é quanto as tipologias e níveis de influência existentes. Há autores que sustentam haver 4 níveis de abrangência: metrópoles de 1.º nível com alcance global, de 2.º nível, com alcance nacional, de 3.º e 4.º níveis, de influência regional e local, respectivamente. No que tange à tipologia, parece-nos consensual na literatura,

que a metrópole diferencia-se da simples conurbação por possuir um centro, uma área nuclear específica e bem configurada, onde se desenvolvem atividades sociais, econômicas e culturais bastante especializadas e complexas.

Outros aspectos essenciais que caracterizam a metrópole, relacionam-se com as funções desempenhadas e com o suporte físico das redes de distribuição dos fluxos de matérias, pessoas, energia e informação. Castells (1999, p. 497) afirma que *“como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.”* O citado autor descreve as grandes metrópoles como megacidades que se comportam como nós de uma rede de cidades globais que se comportam como centros de dinamismo econômico, tecnológico e social em seus países e em escala global, como centros de inovação cultural e política. (p.434)

Entendemos ainda que a caracterização de metrópole deva se estabelecer vinculada às dinâmicas sócio-econômicas presentes uma vez que o espaço urbano não é dissociado da sociedade, ao contrário é produto de uma sociedade. Castells (1999, p. 435), afirma que *“o espaço não é reflexo da sociedade, é a sua expressão. As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social.”* Lefebvre (1991, p. 46) argumenta que *“A cidade sempre teve relações com a sociedade em seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto.”*

No que tange aos aspectos funcionais, as metrópoles destacam-se por serem o local sede dos poderes, principalmente o poder econômico, da produção e difusão de produtos culturais e intelectuais. São centros de decisão, centros de concentração de poder. Mas não são só isso, Mumford (1965, p.711) afirma que a metrópole *“é um ponto de foco das atividades que, pela primeira vez, estão pondo todas as tribos da espécie humana numa esfera comum de cooperação e intercâmbio. Aquilo que Henry James disse a respeito de Londres pode-se igualmente dizer a respeito de suas grandes rivais: é o maior agregado de vida humana, o mais completo compêndio do mundo. A raça humana ali se acha mais bem representada do que em qualquer outro lugar. Sua nova missão é passar às unidades urbanas menores os recursos culturais que trazem a unidade e a cooperação mundial.”*

A característica da metrópole enquanto palco de inter-relações culturais raciais e intelectuais é destacada por Mumford (1965, p.711) que afirma: *“os próprios caracteres que fizeram parecer a metrópole sempre, ao mesmo tempo, alheia e hostil ao povo do interior, são uma parte essencial da função da grande cidade: dentro de um perímetro relativamente estreito, ela ajuntou a diversidade e a variedade das culturas especiais; pelo menos em quantidades apreciáveis, todas*

*as raças e culturas podem ser ali encontradas, juntamente com suas línguas, seus modos, seus costumes, suas cozinhas típicas; ali, os representantes da humanidade se encontram pela primeira vez frente a frente, em terreno neutro. A complexidade e a abrangência cultural da metrópole abarcam a complexidade e a variedade do mundo como um todo.”*

A metrópole também possui uma força “gravitacional” sobre a produção e o emprego. É o local onde o trabalhador tem maiores oportunidades de emprego, onde as empresas podem encontrar maior variedade de mão de obra especializada e de profissionais liberais e onde se obtém a maior variedade de bens e serviços de qualquer natureza. Nas palavras de Blumenfeld (1972, p. 58) *“O maior número de alternativas – tanto para os trabalhadores como para os empregadores e consumidores – é a essência da Metrópole. (...) Apenas uma metrópole pode arcar com as facilidades de transporte e serviços especializados – particularmente os de natureza financeira, legal, técnica e promocional – essenciais à vida moderna. Esses serviços constituem a principal fonte da força econômica da metrópole – sua verdadeira base econômica.”*

A cidade, e mais especificamente a metrópole, insere-se nessa complexidade como o ambiente e suporte físico que retro-alimenta o sistema. Podemos citar como principais características da metrópole atual:

- cidades grandes, extensas e populosas com boa infra-estrutura;
- boa estrutura de circulação e transportes de bens e pessoas;
- centros políticos importantes;
- grandes centros de transações comerciais e financeiras;
- centro de serviços especializados de abrangência nacional;
- sede de empresas transnacionais;
- proximidade e fácil interligação com áreas produtivas;
- boa qualidade urbana oferecendo padrões similares às outras cidades;
- localização geográfica estratégica, com proximidade a grandes portos e aeroportos;
- integração ao capitalismo internacional;
- integração aos sistemas intra-regionais de cidades;
- integração aos sistemas internacionais de infra-estrutura de informação.

Além dessas características físicas, a metrópole possui um dinamismo econômico, social e cultural que, ao mesmo tempo em que cria e se apoia nessas estruturas, também as modifica, adaptando-as às suas novas demandas e necessidades e, embora a metrópole possua uma localização, um “corpo físico” identificado no espaço, é a complexidade e o dinamismo das relações sócio-econômicas e culturais que vai imprimir suas singularidades na dimensão temporal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. Tradução por Silvia Mazza. São Paulo : Perspectiva, 1983.

BLUMENFELD, Hans. A metrópole moderna. In: *Cidades: a urbanização da humanidade*. 2.ed. Tradução por José Reznik. Rio de Janeiro : Zahar, 1972.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução por Roneide Venâncio Majer. São Paulo : Paz e Terra, 1999. v.1.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. Tradução por Rubens Eduardo Frias. São Paulo : Moraes, 1991.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Tradução por José Reznik. Rio de Janeiro, 1972.